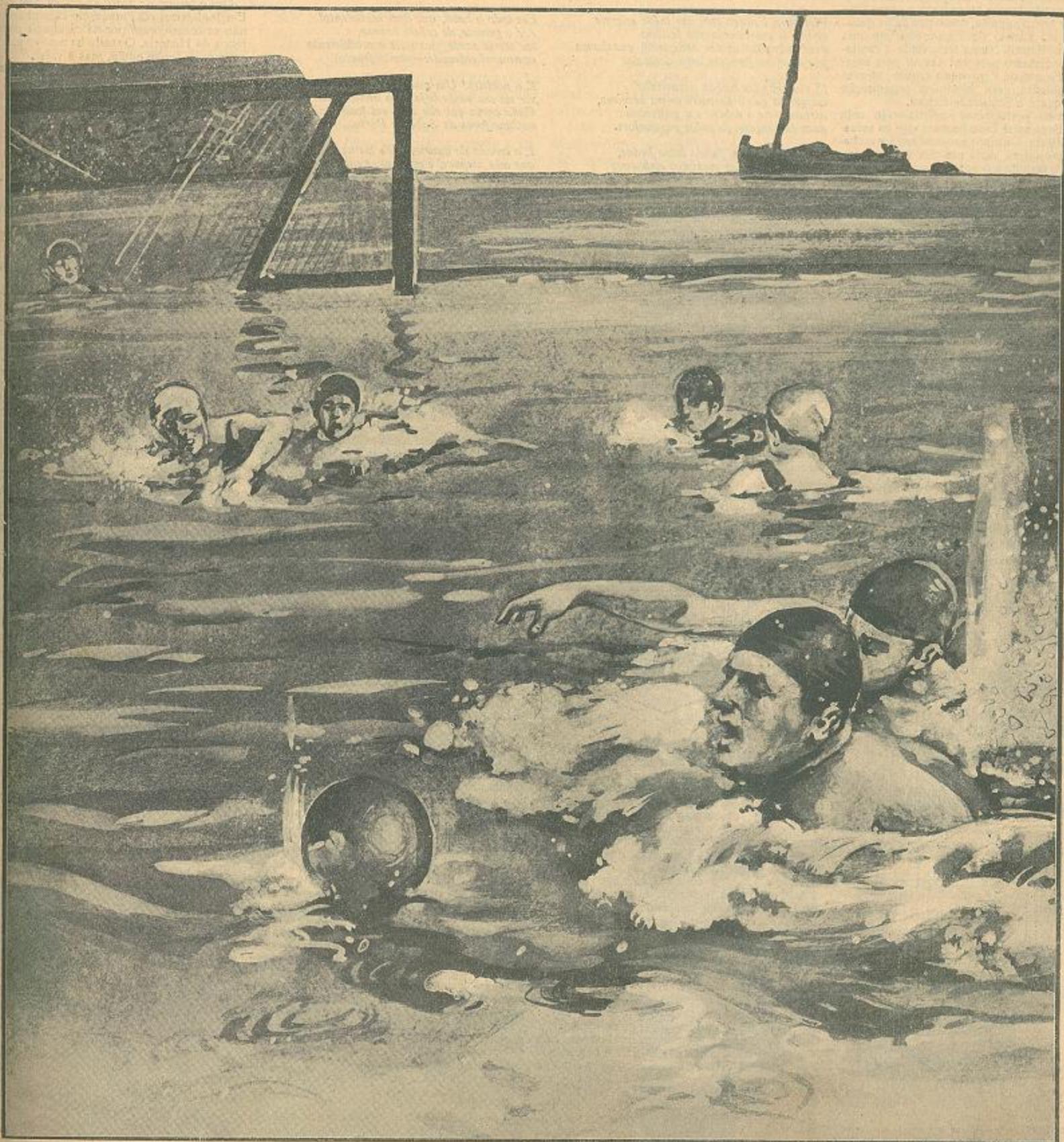
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 83 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V - 18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

O I Portugal-Espanha em Water-Polo

O grande nadador Antonio Soares, numa das suas brilhantes passagens, durante o desafio de domingo, onde a "equipe" portu

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 83

LISBOA 15 DE AGOSTO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Um grande português

Não conhecemos o sr. Fausto de Figueiredo. Nada pretendemos das suas influencias. Jornal de comentarios livres e alegres, sem pretenções, manifestamos no entanto a nossa simpatia ou a nossa repulsa, como nos dá na gana.

Ora o sr. Fausto de Figueiredo tem uma obra. E' o Estoril. Numa terra onde o capitalista só dá dinheiro para batotas ou para batatas, o sr. Fausto de Figueiredo ergueu, atravez mil dificuldades, essa admiravel organisação moderna que é a Sociedade Estoril.

Pois como portuguêses—felicitamo-lo com orgulho! Bem haja! Esse homem que os assassinos do 19 de Outubro procuraram para chacinar como quem mata um cão, tem que ter, de futuro, o carinho e o agradecimento de todos os portuguêses—incluindo as «feras» dessa data, e as «bestas» de todas as outras!

O congresso dos mestres

A palavra congresso começa a ter, entre nós, a significação de pancadaria. Pois se até os professores, os pedagogos, os sacerdotes da Instrução e da Cultura, agora reunidos, por pouco não se pegaram ao sopapo! O berreiro, o chinfrim, dizem, foi de endoidecer.

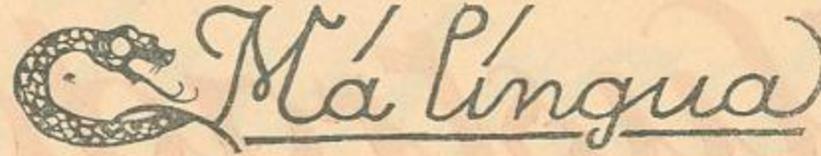
Ora este é o congresso do professorado primario, onde aliás ha bons elementos. Calculem se se realisa o do professorado secundario, superior ou especial! E' questão para suspender as garantias, livra!

O «Diario da Tarde»

Passou o primeiro aniversario do «Diario da Tarde», que por esse motivo, e justamente foi calorosamente saudado por toda a Imprensa, saudações a que gostosamente nos associamos.

O «Diario da Tarde» que rapidamente grangeou tão vivas e tão profundas simpatias no publico é, como se sabe, dirigido habilmente pelo dr. Alberto Xavier e tem como chefe de redacção o sr. Luiz Derouet, um tecnico e um jornalista distintissimo, que muito honra a Imprensa portuguesa.

O' tu que fumas dá um cigarro para os velhinhos...

Má lingua

"XENOPHOBIA"...

Vim para França com um mêdo enorme
de que a xenophobia tão fallada
qual despertar de um canzarrão que dorme
por aqui me ferrasse uma dentada.

Já via grandes turbas assassinas
em gestos que o desvairo torna heroicos,
cortarem-me a cabeça e a gafforina
num fervimento de odios paranoicos.

Já via os maires, falsos como Judas,
sujeitarem-me aos maximos embargos
para que vissem minhas raivas mudas
como os beijos de maire são amargos...

Via-as, — a Ellas—cuja gentileza
o mundo registou nos seus verbetes
acolherem minha alma portugueza
eriçada de agulhas e alfinetes.

O mais apavorante panorama
se apresentava á minha timidez.
Isto era inda peor que na moirama.
Tinha a audacia de vir?! Era uma vez!

E' que o Boato, se lhe dá na bolha,
em Lisboa, New-York, Honolulu,
não ha forma e sistema que não 'scolha.
E arranha o seu boccado de franciú.

Nasça embora nos pontos mais remotos,
caminha sempre. O ponto é que comêce.
Nem se lhe dá, para cumprir seus votos,
de tomar um lugar no Sud-Express...

Porisso se espalhou a tal phobia
que tantos pesadêlos provocou
e que em verdade a nossa Senhoria
ainda por aqui não encontrou.

Em todo o hotel, que doce sentimento!
Até o gerente, de cabelo branco,
me sorriu tanto, que ante o acolhimento
murmurei enlevado:—muito franco!

E o porteiro! Um amor! Quem poderia
ver no seu vasto bojo uma alma torta?
Cada porta que elle abra em todo o dia
assume foros de Sublime Porta...

E o creado de quarto! Não ha nada
que não prepare, e esfregue, e encamurce...
Xenophobia é vida regalada
a quem puxar pelos cordons *á* bourse.

Xenophobia! Flor de uma rhetorica
que nem a raiz grega tonifica...
Zurro, com pretensões a phrase historica,
Palavra pobre de uma lingua rica.

Bem sei que no outro dia um engenheiro
deu num soldado yankee co' um martello.
E o monumento não ficou inteiro...
E custou-me a tragar esse marmello...

Mas, alando o meu espirito inconcusso
aos cimos da Verdade, tenho ouvido
que o engenheiro era anarchista russo
e que o soldado... era desconhecido.

Quanto a terem voltado um camion
transformado em mansão de excursionistas
isso está bem de ver que não foi bom;
mas em França engallinham com touristas.

Porissso ao ver o grupo tão bonito
alvo de popeline e de nanzuk,
um maduro qualquer, hoje contricto,
lhe proclamou a queda. Só com o fito
de pespegar um pontapé no Cook...

Hendaya—Agosto—1926 — TAÇO

ECOS

Aljubarrota

Todas as datas historicas em Portugal se dividem em duas categorias: aquelas efemerides de dias em que levámos lambada, e aquelas outras dos dias em que demos. Aljubarrota é das datas maiores.

Sucede que as comemorações entre nós não tem tido a grandeza precisa.

Ora é tempo de fazer as coisas com criterio. Em Inglaterra, em França, em Espanha mesmo, não se comemoram por dá cá aquela palha, os feitos da Historia. Quando ha motivo para uma cerimonia, faz-se então, mas a valer.

Que se fizesse a festa de Aljubarrota de dez em dez anos, com um cortejo historico, com alguma coisa de grande e de imponente estava certo.

Assim, parece-nos que não está bem!

José Malhôa

O grande pintor Malhôa foi alvo duma manifestação de agradecimento por parte da Camara das Caldas da Rainha!

Quando se fará a Consagração Nacional a que este artista tem indiscutivel direito?

Questão prévia

NÓS temos desmarcadamente a paixão do lugar-comum. Sempre que sobre um problema podemos pôr, como uma pesada lage, uma frase sonora e ôca, que ande na boca de toda a gente e que nós repetimos com enfase, consideramos desde logo o problema resolvido, o assunto arrumado e salvas, dum só golpe, a situação e a Patria.

A' maneira dos alquimistas, que confiavam á magia de certas palavras o encargo de transformar o chumbo em ouro, nós entregamos a frases magicas a realisação da nossa felicidade de povo indolente, que em quasi oito seculos de existencia adquiriu a experiente certeza de que o pensar cansa e o agir fatiga.

Aí temos, agora, para amostra e em grande voga, a frase que o governo embute em todos os *speech* de sobremesa e que nos jornais e nas conversas aparece, acarinhada quasi com ternura, e dita ou escrita de olhos em alvo, numa iluminada expressão de fé que salva: «E' preciso acabar com os maus politicos».

Não sei se, no sentido pejorativo que nós damos ao termo, haverá politicos bons, mas o que sei com certeza é que a maior parte das pessoas, que proferem esta condenação, o faz pelos mesmos motivos e com a mesma intenção com que deante dum altar reza um Padre-Nosso: confiando num milagre, que tudo transforme e modifique, sem mais trabalho do que proferir a banalidade algumas vezes ao dia, com a face voltada para o Terreiro do Paço, que é a Meca do país.

—Abre-te, Sézamo!—comandava Ali-Baba, deante da porta da caverna, onde se guardavam tesouros incontaveis. E submissa, obediente, passiva como escrava que teme a colera do senhor, a porta abria-se, mostrando os faiscantes montões de diamantes, as barras de ouro, reluzindo vagamente na sombra, os pesados lingotes de prata, palidamente brilhando, os cofres de cedro marchetado, d'onde se escapavam fieras de perolas macias e oleosas á vista ou donde repuxavam pelas frinchas jactos de moedas de ouro dos quatro cantos do mundo.

Só com dizer a palavra magica, Ali-Baba entrava na posse de inumeraveis riquezas acumuladas. Assim tambem a nós nos parece que basta pronunciar uma certa frase para que os nossos desejos sejam maravilhosamente realisados. Em vão o lugar-comum criado se vai puindo com o uso, em vão perde significado e intenções, o que importa é repeti-lo, repeti-lo sempre, com a fé cega no milagre, até que o milagre se opere.

Ha quantos anos andamos nós a repetir a nós proprios que o «o futuro de Portugal está nas colonias»? Esta banalidade, a que a palavra «futuro» aumenta o aspecto magico, temnos impedido de fazer pelas colonias qualquer outra coisa que não seja o esperarmos que o anunciado porvir se inicie com uma distribuição geral aos brancos da metropole da mandioca e do cacau cultivado pelos pretos dos dominios.

Quantos outros lugares comuns sem significação, saidos da imponencia balôfa dos discursos de parlamento ou comicio, sustentam o edificio social, frageis colunas que têm por base uma aspiração vaga e por capitel uma bexiga de vento?

Na hora presente, quando parecia que uma rajada saneadora de novos habitos ia sacudir para longe e varrer para o largo os velhos costumes de indolencias e messianismo, eis que uma nova formula, um distico novo mas tão vasio de idéa como os anteriores, vem, á laia de programa, substituir as realisações praticas de que se carece. «E' preciso acabar com os maus politicos!» E', não ha duvida! Assim como é preciso acabar com os maus sapateiros, os maus medicos, os maus juizes, com tudo o que é mau e com todos os que sejam maus. Mas não basta destruir, é preciso construir. Acabar com o mau é excelente desde que se promova a criação do bom.

Porque a verdade é esta: estamos nós, poderá estar alguem convencido de que, uma vez reduzidos os maus politicos a afinadores de pianos ou a qualquer outra profissão alheia ao governo dos povos, as estradas entrarão a macadamisar-se por si e que o trigo, numa exuberancia amavel que nunca agradeceremos suficientemente á laboriosa classe dos cereais, começará automaticamente a brotar entre as novas pedrinhas da calçada? Isto, no caso de alguma vez vir a distinguir-se, com bastante clareza, quem são os maus e os bons politicos, porque (em boa consciencia e para fechar tambem com um lugar-comum) o caso é que, entre uns e outros, venha o Diabo e escolha.

CENTRO DE GRAVIDADE

— Padera! Como queres que a creança mantenha o equilibrio! Quem se lembra de chumbar quatoze dentes a uma creança!!

COMPENSAÇÃO

—Fizeram bem em convidar aquele pianista. Não tem sendo musica de camara...
—Oh! diabo, mas a festa é no Governo Civil!

O DOMINGO ilustrado

O' tu que fumas... dá um cigarro para os velhinhos!

solução do problema n.º 81

	Brancas	Pretas
1	18-22	25-18
2	3-7	12-3 (D)
3	17-21	15 8
4	10-14	3-10-17
5	21-3-12-23-9-2	1-15 (a)
6	28-32 (D)	15-28
7	2-6	28-1
8	32-28	
	Ganha	
	(a)	
5		1-6
6	2-9	5-1 (D)
7	9-5	1 ?
8	28-32 (D)	?-28
9	5-1	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 82

Pretas 1 D e 6 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 80 os srs.: Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Um principiante (Carvalhos).

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo nosso bem conhecido amador, que quere chamar-se Neulame, o qual declara que o oferece ao Ex.mo colega «Um principiante», como retribuição e com os seus melhores agradecimentos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

COMPENSAÇÃO

—Teu marido bate-te por tu teres mau coração!...
—Eu tenho um coração de oiro, mas ele é ourives!...

Humorismo

Crónica alegre

por Xisto Junior

PORTUGAL MAIOR

De vez em quando aparecem umas frases acatitadas, que ganham voga, sobretudo quando não exprimem coisa alguma. Houve tempos, que não vão longe, em que tudo era «expoente maximo». Havia expoentes maximos na politica, na literatura, na sapataria e em outras artes correlativas. Por dá cá aquele ultimo suspiro, as necrologias dos periodicos diziam logo que o defunto era tido entre os amigos, por «expoente maximo», do caradireitismo.

Agora, que o expoente maximo está reduzido ao minimo do uso, entrou em circulação um outro nariz de cera: o «Portugal Maior». Nos discursos, nas conferencias, nas proclamações revolucionarias uma só razão, um só argumento, um só lema se ergue, como pendão glorioso: «Por um Portugal Maior».

Que quere isto dizer? Rigorosamente nada, visto que não temos nenhumas tenções de anexar a Galiza, (bastando-nos os galegos que já cá temos, mesmo os nacionais) e que a respeito de colonias tambem estamos satisfeitos.

Para a frase ter qualquer significado precisa acrescentar-se-lhe uma palavra elucidativa, passando a dizer-se, com os olhos em alvo e a mão sobre o coração:

—Por um Portugal Maior e Vacinado!

HABITOS

Não é segredo para ninguem que a vida está dificil para ambos os sexos. Desde que meteram na cadeia aqueles benemeritos, que queriam enriquecer toda a gente por meio duma distribuição gratuita de notas de quinhentos escudos, quere uma pessoa comprar um ex-pão de pataco e encontra-se com um simples conto de reis na carteira, que não lhe chega nem para mandar cantar um cego, dum olho só, que são os mais baratos.

Seguindo na ordem de ideias de que onde não ha o presidente do ministerio o perde (visto não haver rei nem presidente da Republica), muita gente se tem abstido de praticar um certo numero de coisas em que dantes era useira e veseira, como por exemplo: comer peixe á sexta-feira, adquirir doenças que exijam tratamento termal ou praial, ir ao teatro, viajar e outras necessidades de primeira necessidade.

Os habitos criados, desde o habito de S. Tiago ao habito da Ordem Terceira, quando contrariados geram um mal estar geral, que tem imensas semelhanças com o do país nos ultimos dias dum governo retintamente democratico. Os nervos batem o pé, as ideias tornam-se fixas e todo o individuo atacado tem o aspecto exaltado dum tigre, que tenha sido alimentado a pão de ló e cavacas das Caldas e deante do qual se faça um descarado elogio dos bifes em sangue.

Isto se passa, por exemplo, com o meu amigo Januario, um comerciante tão metodico e bem ordenado, que é geralmente conhecido pelo Januario Comercial. Animal de habitos, Januario todos os anos vai a Entre-os-Rios, depois a Vizela, depois ao Bom-Jesus, descendo ao Luso e subindo ao Buçaco de lá desfere um vôo certeiro, que vai terminar num fresco semicupio em Espinho. Este ano, porém, por falta de verba Januario não pode sair de Lisboa e não se farta de lamentar a sua sorte:

– Nem ao menos quinze dias em Espinho! E' espinhoso!

Em casa, por vezes, atacam-no furias terriveis, que o levam a partir a louça, só para ter a sensação de que parte. Madame Januario, que é a sensatez em pessoa de sessenta anos de idade por oitenta quilos de peso, pretende acalmar o marido:

—Homem, não te «exalteres»... Estás fóra de ti!...

E só isto consola o pobre Januario, a certeza de que não podendo sair de Lisboa, todavia passa a estação calmosa—fóra de si.

OCULOS

O ataque de estupidez mais recente de que enfermou o lisboeta airoso manifestou-se sob a forma duns oculos redondos, munidos de vidros das mais variadas côres, que vão desde o negro de fumo ao amarelo recheio de fralda de infante recem-nascido

Não tendo maneira viavel de estragar o belo azul do seu ceu, de que falam, com calaroso elogio, todos os Cook e Baedecker; não podendo pôr o seu sol no estado de consternação em que se encontram as estradas, sendo impotente para arranjar uma revolução que desorganizasse o seu clima os lisboetas recorreram aos oculos para terem a sensação de que a luz é triste, o azul é verde e de que está sempre para chover—qualquer coisa desagradavelmente amarelada.

A's pessoas que não usam oculos verdes, pretos, roseos ou melados só resta o recurso, para poderem encarar sem prejuizo de visão os seus semelhantes oculados de tão variadas côres, de adquirirem, por sua vez, uns oculos daquela tonalidade a que o povo chama «côr de burro quando foge».

PENSAMENTOS

O homem, di-lo toda a gente, é o rei da creação. E' por isso que ha homens com muita «galinha».

* * *

Por vezes o Acaso coincide com a Fatalidade. Exemplo: A encontra B e pede-lhe cem mil reis emprestados. O encontro foi um acaso para A e uma fatalidade para B. Mas se B. não tem os cem mil reis pedidos—vice-versa.

* * *

Diziam os antigos que á Ocasião é preciso agarra-la pelos cabelos. Hoje toda a gente perde a Ocasião, porque esta cavalheira usa o cabelo á *garçonne*.

XISTO JUNIOR

IDADE

—Aqui tens tu uma garrafa de 23 anos! Que dizes a isso?
Que está muito pequena para a edade.

Curiosidades

O' TU QUE FUMAS... EM FRANÇA

Calcula-se que os franceses fumam, por ano, uns vinte e dois biliões de cigarros. Os cigarros confeccionados nas fabricas do Estado são apenas em numero de dez biliões, emquanto que os enrolados á mão são os restantes doze biliões.

COMO SE CURTEM AS LUVAS

O diario parisiense «Comœdia» conta que a pele com que se fazem as elegantes luvas de hoje são curtidas com escremento de cão. Este, ainda ha pouco tempo, chegava, o mais fresco possivel, de Constantinopla. Mas desde que os turcos resolveram dizimar a raça canina, o produto em questão tornou-se raro. E eis o motivo porque as lúvas encareceram tanto...

PRESUNTO DE CÃO

A policia de Madrid pôs termo, o mez passado, aos negocios, vantajosissimos, segundo parece, duma empreza fabricante de presuntos de cão. Esta empreza, que tinha vinte e três associados, três dos quais eram mulheres, tinha uma loja aberta numa das mais importantes ruas de Madrid. Alguns socios procuravam a materia prima: caçavam os cães. Outros tratavam do preparo e do acondicionamento, propaganda e venda dos produtos.

O comercio ia prosperando e os que dele beneficiavam afirmavam que os presuntos de cão eram muito saborosos e nada prejudiciais á saude. A policia, porém, não atendeu a estas «boas razões», principalmente porque quási todos os associados tinham contas a ajustar com ela.

UM DRAMA NO OCEANO ARTICO

Numa ilhota do mar de Kara, no Oceano Artico, acaba de desenrolar-se uma horrivel tragedia. Nessa ilha viviam apenas uns sessenta pescadores, com as suas mulheres e filhos. O seu isolamento só era interrompido, uma vez por ano, com a visita dum vapor, vindo de Arkangel, o qual levava aos habitantes da ilhota os objectos de que tinham necessidade para todo o ano e que eles trocavam por peixe fresco e fumado. Ora, este ano, foi grande a angustia dos marinheiros do *Slowezk* (era o nome do navio russo) quando encontraram a ilhota completamente deserta. Viram apenas sessenta esqueletos e, numa cabana, uma especie de «Diario», escrito por um dos desgraçados pescadores, sôbre papel de embrulho. As notas começavam assim: — «Ficámos sem viveres. Só pescámos uns peixes pequenitos. Os nossos filhos morrem de fome.»—Depois, dia a dia, dava conta, sem frases, dos sofrimentos suportados e das mortes sucessivas. Por fim, estas linhas;—«Os meus dois ultimos companheiros morreram. Estou só. Os meus sofrimentos são horriveis... Faz um tempo magnifico. Sol... Já não vejo nada. Morro.»

O mez das grandes batalhas

AGOSTO, o mez que vai correndo, é o que traz seu nome associado aos dois sucessos historicos que marcam o apogeu e a ruina de Portugal: Aljubarrota e Alcácer-Kibir, a victoria e a derrota.

O mesmo sol, a quási um seculo de distancia, passando quasi á mesma hora, iluminou os pendões e bandeiras das mesmas hostes portuguesas, formadas em linha de combate numa planicie da Estremadura e junto de Alcácer-Kibir, entre os rios Lukkos e Mhatkeu.

No dia em que este jornal se apregoar nas ruas, passa mais um aniversario da hora de Aljubarrota. Ha quinhentos e quarenta e um anos certos, contados dia a dia, teve lugar a batalha redentora, a batalha que não tem festejos oficiais, como a grande escaramuça de Chão de Ourique, mas que acorda alvoradas em todas as almas bem portuguesas.

Não falaremos da batalha, tantas vezes recordada. Citaremos apenas uma outra curiosidade historica, sugerida pela sua recordação.

A batalha de Aljubarrota teve lugar a uma sexta-feira (desmentiu-se o agoiro!), dia 14 de Agosto de 1385. Os exercitos inimigos avistaram-se ás dez horas da manhã, mas a batalha só teve inicio ás três horas da tarde, quando o sol já declinava para o ocaso. Tem havido sérias contendas de eruditos sôbre o numero aproximado dos combatentes, mas o mais certo é que se encontraram 31.000 homens do partido de Castela com 6.500 portugueses. Os de Castela dividiam-se em 8.000 cavaleiros, 8.000 besteiros e 15.000 peões; entre êles, vinham muitos estrangeiros, principalmente mercenários franceses e gascões. O exercito português compunha-se de 1.700 lanças, 800 besteiros e 4.000 peões.

A vanguarda portuguesa, comandada pelo condestavel D. Nuno, terminava em duas alas: a da direita, toda formada por portugueses, intitulava-se «ala dos namorados»; nela entravam muitos jovens fidalgos, e era capitaneada pelos dois irmãos Ruy e Mem Rodrigues de Vasconcelos. Na da esquerda, conhecida por «ala da madre silva» (flor que simbolisa «laços de amor»), entravam alguns estrangeiros, sendo seu comandante Antão Vasques de Almada. Os mancebos da «ala dos namorados» levavam hasteada uma bandeira verde, com varios emblemas bordados, simbolisando na côr da bandeira as suas esperanças de coração.

A linha da rectaguarda era comandada pelo Mestre de Aviz, o rei escolhido pelo povo.

Ha poucas noticias dos cavaleiros da «ala dos namorados», sendo, portanto, digna de registo, a que se encontrou na igreja do convento do Corpo de Cristo, de freiras dominicanas, fundado em «Vila Nova de a par de Gaya», no ano de 1345, por D. Maria Mendes Petite, dama nobre e rica, filha de Soeiro Mendes Petite. No corpo da igreja, do lado da epístola, vê-se um arco de cantaria sumido na parede, sob o qual se encontra um grande sepulcro com a estatua dum cavaleiro armado. No feixo do arco, lê-se: *Aqui jaz Alvareannes de Sarnache, cavalleiro, criado que foy del Rey Don João, cuja alma Deos aja, & Anadel mor dos Besteiros de cavallo; & Alferes que foy dos namorados da Batalha Real. & em todas as outras guerras: o qual se finou Era de MCCCCXXXXII.* Como a era de 1442 corresponde ao ano de 1404, não ha duvida que a «Batalha Real» a que alude o epitáfio é a batalha de Aljubarrota, que teve lugar dezenove anos antes. A proposito dos irmãos Rodrigues de Vasconcelos é curioso recordar o que a respeito dum deles, Mem Rodrigues, conta Leitão de Andrade, na sua «Miscellanea». «O qual Mem Rodrigues de Vasconcellos, achando-se huma vez em hum recontro com os Castelhanos, em «que elles ficárão melhorados, e lamentando-se este Rei disso, estando á mesa, «disse: Bem parece nos faltárão hoje as cavaleiros da tabola redonda; ao que «Men Rodrigues, chegando-se, respondeo: Senhor, não faltárão, porque ahi se «achou fulano, que he tão bom cavalleiro como Renaldos, e fulano como An-«griote, e outros, como outros que foi nomeando, e ahi me achei eu, que me «não tenho em menos conta que Don Roldão, mas faltou o conselho del-Rei «Artur, por quem se eles governavão. Ao que el-Rei se calou sem falar palavra». Este mesmo Mem Rodrigues, tão bom cavaleiro como cortezão, tambem um dia atirou aos pés do rei, que estava despachando mercês, o seu escudo cravejado de setas, dizendo: «Despache V. S. lá essa petição!», o que lhe deu jus a receber muitas mercês. O padre Soares de Albergaria, num livro sobre brazões e armas de Portugal, conta a historia, talvez falsa mas engraçada, da origem do apelido destes cavaleiros da «ala dos namorados»;—fôra o rei de Leão que mandando á guerra dos mouros um seu fidalgo muito amoroso e ciumento de certa dama, lhe dissera: «*Vás con cellos?*» Ora vai, que eu ta guardarei».

NO PROXIMO NUMERO:

Juro que é verdade

UMA NOVELA DA MINHA VIDA

Em verso por SILVA TAVARES

UMA RESSURREIÇÃO

E' louvavel a ambição dos sábios de vêr a sciência ultrapassar, dia a dia, os limites que, na vespera, lhe tinham sido impostos.

Em Filadelfia, ha dias, teve lugar uma experiência angustiosa—conta «Le Journal». Procurou-se, e conseguiu-se, restituir á vida uma rapariguita cujo coração deixara de pulsar ha oito minutos. Depois da aplicação de injecções de «andrénaline», as faces da pequena recobraram as suas côres, o pulso bateu e a rapariguita voltou á vida, depois de ter visitado aquele mundo donde, habitualmente, não se regressa.

AS BORBOLETAS DE MADAGASCAR

Numa das ultimas sessões da Academia das Sciências de Paris, o snr. Bouvier, eminente entomologista, deu conta duma curiosa observação feita em Madagascar pelo missionário Cambouet, biologista muito conhecido. O reverendo cortou a cabeça a mais duma centena de borboletas, de magnificas especies, que encontrou na ilha e constatou que todas elas, depois de decapitadas, não somente não morriam como manifestavam ainda maior vitalidade! A unica precaução necessaria consistia em evitar qualquer infusão de sangue, o que é facil, visto ser muito fino o pescoço das borboletas e o sangue desses insectos coagular-se instantaneamente, ao contacto com o ar. O mais curioso, porém, é que as borboletas decapitadas conservam, integra, a faculdade de se reproduzirem.

O PRIMEIRO CHEQUE PELA T. S. F.

A 22 do mez passado, foi enviado pela primeira vez um cheque radio-telefónico. Esse cheque, transmitido de Londres, foi pago ao destinario por um banco de Nova York. E a sua importancia era de 1.000 dolares.

UMA ESTRANHA COINCIDÊNCIA

No seu jardim do Observatorio de Juvisy, Camilo Flammariou plantou, ha vinte e cinco anos, um carvalho. Tambem ha vinte e cinco anos, nesse mesmo jardim, uma senhora, que mais tarde foi a esposa do astrónomo, plantou um castanheiro. Flammariou amava imenso as arvores em geral, e essas em particular. Quando morreu, a sua esposa quís que lhe colocassem, sobre o peito, um ramo do castanheiro e outro do carvalho de Juvisy. Assim se fez, e o corpo do astrónomo, metido num caixão, que por seu turno foi encerrado num sarcófago de granito, foi colocado numa cova que ele proprio mandara abrir, no seu jardim do Observatorio. Passou-se um ano e no local onde está o caixão, surgiram um carvalho e um castanheiro. Apezar de ser muito delgada a camada de terra—apenas dez centimetros—as duas arvores teem crescido rapidamente e já ostentam grandes folhas.

O povo brazileiro e o teatro

O «carioca» não gosta de teatro—Porquê?—Os cinemas—O publico das companhias portuguesas

Rio de Janeiro 21.

O Rio de Janeiro tem actualmente, um milhão e oitocentos mil habitantes o dôbro da população de Lisboa. Pois emquanto os lisboetas sustentam doze teatros por epoca, os «cariocas» não dão vida a dois!

Porquê? Não se sabe. O brazileiro não gosta de teatro. Ele mesmo o declara.

Assisti a uma *première* num dos teatros mais centrais da cidade: «o Carlos Gomes». Estreia de companhia, de peça e de epoca. Não estava meia casa. Extranhei o facto, e um amigo explicou:

—«O brazileiro não gosta de teatro! Vai á Opera porque os preços são elevadissimos, e isso mesmo nem sempre! O teatro, seja qual fôr, não o interessa!

Em compensação os cinemas estão sempre cheios. Na cidade ha talvez cem que começam as sessões ás três da tarde. Há os luxuosissimos, com sextetos escolhidos, «variedades» e ha os mais pobres. Uns e outros estão sempre cheios. A fita predominante é a americana, de aventuras. Tom Mix, Douglas, e todos os grandes herois cinematograficos do salto e do murro, são «personae grati» do grande publico. Rodolfo Valentino, tem por cá também grande nomeada como modelo de beleza.

Mas, dir-se-ha, se o publico «carioca» não gosta de teatro, quem sustenta então as companhias portuguesas que vão ao Brazil?

A colonia portuguesa. A' parte uns tantos curiosos, que se interessam pelas coisas teatrais, o publico que vai vêr as companhias portuguesas, são os milhões de portugueses que aqui vivem.

Direi mesmo que é ainda uma grande parte da colonia-luza que alimenta um tanto os teatros de companhias brazileiras.

Só quem vem ao Rio e pode analisar a entrada de um teatro, á hora de começar o espectaculo, poderá convencer-se desta grande verdade.

Saudades da patria? Vontade de vêr alguem ultimamente chegado do torrão patrio?

Talvez, mas o que mais profundamente a colonia sente é aquele gosto de vêr teatro, o prazer de ir aos espectaculos e que torna o português o povo mais *teatreiro* do mundo.

HENRIQUE ROLDÃO

Entradas de favor

NAQUELE dia ao acordar o meu amigo Januar [Barata disse á mulher:

—E se nós fôssemos hoje ao teatro?

—Tens facilidade de arranjar um bilhete de favor? — volveu a esposa ainda meia estremunhada.

—O que eu te pergunto é se queres ir ao teatro, o resto é comigo.

—Querer, quero, mas lá gastar dinheiro é que de forma nenhuma.

—Oh! menina... Tu bem sabes que eu só vou ao teatro de borla... E' para isso que me servem as minhas relações.

—Mas a que teatro ha-de ser?

—Vê ahi no jornal que espectaculos ha hoje.

—Oh! Maria—berrou a mulher da cama—traga cá o jornal e abra a janela.

Veiu o jornal, abriu-se a janela e a esposa do Barata, depois de procurar o cartaz começou soletrando:—«Teatro Nacional»: *Os Filhos*.

—Essa peça já nós vimos... Até por sinal foi o Luiz Pinto que nos arranjou o camarote.

—«S. Luiz»: *Não ha espectaculo*.

—Se não ha espectaculo tambem não ha bilhetes de favor. E é pena, porque para esse teatro tenho eu grandes facilidades. O nosso primo Lopes Sarjedas é cunhado do Julio Sousa que já uma vez levou uma grande descompostura do Alfredo Santos.

—«Gymnasio»: *As trez meninus... nuas*.

—Para ahi já tu sabes que eu não posso arranjar. Ainda outro dia pedi um camarote ao Carlos Santos e ele mandou-me despir.

—Queria que tu fizesses o que as artistas da companhia não quizeram fazer.

—«Maria Victoria»: *Olarila*—Aqui é que eu gostava de ir oh! Barata.

—Por emquanto não se pode pedir. A revista foi ha meia duzia de dias e enche todas as noites.

—Isso é que é um teatro com sorte.

—Dizem que actualmente quem lhe dá sorte é o boi do Serapião.

—Não acredites... Se os bois dessem sorte, não havia tanto casal desunido.

—«Variedades»: *Pó d'Arroz*.

—Ahi é que nós vamos exclamou o Barata sentando-se na cama.

—Ahi é que tu não vais berrou a consorte, saltando em camisa para o meio do chão.

—Mas é uma linda revista e dizem que está ricamente posta em scena.

—O que tu queres sei eu, meu libertino..

—Libertino... eu?

—Julgas talvez que eu ignoro que está lá contratada aquela rapariga loura de olhos grandes que morava cá em cima nas aguas-furtadas e que uma vez na escada te deitou um olhar tão terrivel que cahiste de costas e ficaste com uma perna partida.

—Nem já me lembrava dessa partida da rapariga... Mas se não queres, não vamos. E' pena porque tenho a certeza que o Galhardo me dava um camarote para a 1.ª sessão.

—E ficamos sem ir ao teatro porque para o Avenida é que tu não arranjas com certeza.

—Não arranjo?

—Dizem que o Amarante, não dá borlas nem á familia.

—Não dá?! Ora veremos. E enfiando as calças o Januario Barata fazia os seus calculos. Vou ao Lumiar a casa do Agostinho que é amigo do Amarante, peço-lhe uma carta e tenho a certeza que sou servido. E se bem o pensou melhor o fez. Vestiu-se a correr comprou um ramo de flôres para ofertar á mulher do Agostinho, tomou o carro no Rocio e duas horas depois estava de volta do Lumiar com a desejada carta para o popular emprezario. Desceu mesmo em frente do Avenida e enfiou pelo teatro.

—O sr. Amarante?

—Não está.

—Mas a que horas vem?

—Só á noite.

—E onde é que mora?

—Em Caneças na Quinta do Lagarto.

—Lagarto, lagarto, exclamou o Barata fazendo o adequado gesto... Isso agora é que é o demonio... Mas não ha remedio vou até lá, e tomando um taxi mandou seguir para Caneças. Pelo caminho ia considerando: Se eu sei tinha seguido logo do Lumiar para lá, depois batendo na testa. Oh! com a breca... esquecia-me das flores para a D. Luiza... E batendo nervosamente nos vidros do automovel mandou retroceder para a Rua Nova do Carmo.

Eram 4 horas da tarde, quando o nosso amigo Barata batia á porta do solar de Caneças e era recebido pelo simpatico interprete do *Pão de ló*, que depois de ler a carta e de ter dito entre-dentes «nem aqui» passou o vale dum camarote e fechou o portão sem dar tempo ao nosso Barata para fazer os seus agradecimentos e ofertar á D. Luiza o lindo ramo de cravos. De Caneças voltou ao teatro Avenida em busca do secretario Magalhães do Avenida, foi ás «Velhas» onde o referido Magalhães estava jantando, entregou-lhe a carta, jantou com ele, pagou o jantar dois e correu noutro taxi a casa a buscar a esposa. Na bilheteira em troca do vale e de 15 mil reis do selo entregaram-lhe um camarote de 2.ª ordem e ele ao sentar-se ao lado de madame Barata dizia todo orgulhoso de si mesmo:

—Então arranjei ou não arranjei o camarote para o Avenida!

Mas o camarote tinha-lhe custado:

Electrico ao Lumiar	2$00
Flores para a senhora do Agostinho	8$00
» » D. Luiza	12$00
Taxi a Caneças	75$00
Jantar nas Velhas	23$00
Taxi para o teatro	11$00
Selo do camarote	15$00
	146$00

Cento e quarenta e seis escudos num camarote de 2.ª ordem. Mas isso que importava ao meu amigo Barata se tinha ido ao teatro de borla!

L. F.

O novo Comissario do Governo junto do Teatro Nacional

Victoriano Braga, dramaturgo de largos recursos, espirito de grande cultura e homem distinto de sociedade, foi escolhido, e bem, para o cargo de Comissario do Governo junto do Teatro do Nacional.

São conhecidas as ideias, desempoeiradas e modernas do auctor da «Casaca Encarnada». Isto não quer dizer que Victoriano Braga seja um desses temperamentos que hostilisam por sistema ou por «partispris».

Conversamos sobre a sua nomeação para o cargo de confiança do governo que acaba de lhe ser distribuido. Pouco pode adiantar, por ora, na grande interrogação da futura epoca.

No entanto, Victoriano Braga pensa e bem, que é preciso que se esclareça de vez o equivoco em que o Estado vive em relação ao teatro. Se o Estado depois de consultar as entidades competentes entende que não pode subsidiar o Teatro Escola, que é finalidade da Escola da Arte de Representar, então que feche o Teatro Nacional e abra... a Casa de Garrett, casa de espectaculos como qualquer outra.

Se, porém entende, como é justo, que deve distinguir o seu teatro, dotando-o dum subsidio, então que o vá buscar donde é natural que ele venha dos outros teatros.

A organisação duma grande companhia para o Nacional vem dar equilibrio aos artistas e pulverisar as más companhias de declamação. Formar-se-hão depois dois ou três nucleos de declamação, á volta de nomes con sagrados, que são os grupos bastantes para os teatros desse genero.

Gymnasio — «As Tres Meninas Nuas» grande sucesso.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — Fechado temporariamente.

Nacional — Companhia Stichini-Azevedo. A peça de grande sucesso «Os Filhos».

Trindade — Fechado temporariamente.

Apolo — Fechado temporariamente.

Variedades — A revista de grande sucesso «O Pó d'Arroz».

Coliseu — Fechado temporariamente.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

CONFESSO que já fiz vinte e cinco anos, sou alto, magro e solteiro. A minha vida tem decorrido com uma grande serenidade.

Devo dizer que nasci no campo e fui criado ao ar livre. Mais tarde respirei o ar cosmopolita das cidades. Que diferença! Ainda hoje, quando me quero reconciliar comigo mesmo, regresso ao campo. E, no entanto, adoro a vida da cidade.

Mas ha outra vida que me seduz mais do que nenhuma outra: a vida errante.

Dava, pelo menos, dois anos da minha existencia, se pudesse acompanhar uma caravana de beduinos através do deserto e repousar, sob uma tenda, á sombra das ruinas milenarias, que viram passar outrora a suave figura de Jesus.

Quando os meus passos se perderam pelos caminhos piedosos da Terra Santa, sobre o meu espirito exerceu sempre uma grande atracção a raça nomada, que passava em lentas caravanas de camelos a caminho de Jerusalem.

Lembro-me de ter visto nos arredores de Gaza, entre campos de oliveiras e frescos laranjais, um acampamento de beduinos que descansavam, sob o ceu azul, da longa caminhada através do deserto. As tendas dos arabes errantes formavam uma pequena aldeia silenciosa e feliz. As mulheres preparavam a ceia. Subia para o alto o fumo azul das fogueiras crepitantes. Silhuetas angulosas de pacificos dromedarios destacavam-se na meia luz da tarde, pastando a herva tenra do verdejante oasis.

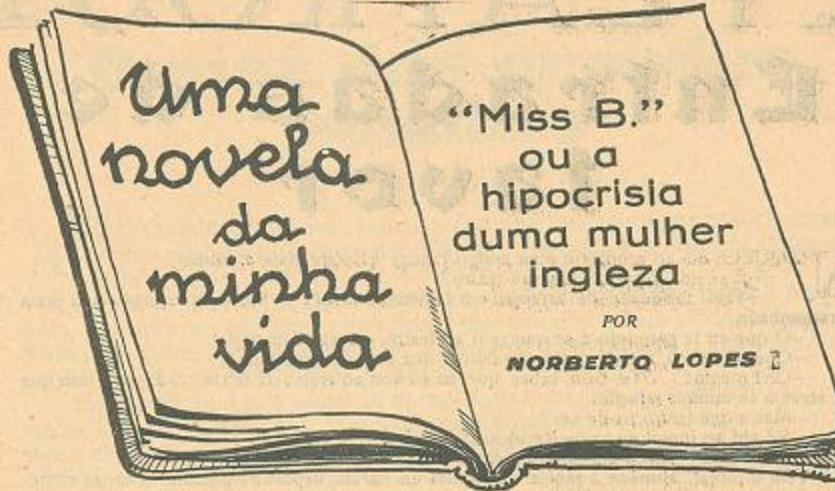
Tudo respirava um ar feliz: o camelo e o homem, a choupana e a terra.

Os meus olhos guardam ainda com saudade aquela serena visão da vida nomada.

* * *

Foi durante essa viagem que conheci, num porto arabe do Levante, uma inglesa loira e delicada como uma pintura de Reynolds. O tenente C. era nesse tempo o meu companheiro de peregrinação pelos bairros mussulmanos das cidades levantinas. Poeta e bohemio, o espirito dele comprazia-se, como o meu, na contemplação amorosa das ruinas evocativas e dos palacios arabes e silenciosos. Uma tarde, durante um dos nossos passeios, encontrámos no nosso caminho duas raparigas inglesas que quizeram amavelmente servir-nos de cicerones através do labirinto misterioso dos bairros arabes.

Miss B. era filha dum alto funcionario britanico—há funcionarios ingleses em todo o mundo...—e *miss D.* era sua prima. Dentro de breves minutos, já não eram duas inglesas e dois portugueses que passeavam a sua alegre mocidade pelas ruas medievais do burgo mussulmano; eramos quatro camaradas.

Como quer que o papá da minha *miss*—eu chamo-lhe minha, porque ela me autorisou a tratá-la assim—tivesse ido a Londres numa missão oficial, logo nessa noite, eu e o tenente C. fomos apresentados á mamã e á numerosa familia, que habitava uma casa de campo proximo da baía onde o nosso navio estava fundeado.

Foi durante a chá que adivinhei um sorriso amavel nos labios de *miss B.* O tenente C., que tinha acamaradado com *miss D.* estava nessa noite cheiinho de saudades duma noiva que tinha deixado em Portugal. E por mais que eu o solicitasse para falar, não havia maneira de lhe ouvir uma palavra.

Eu dizia, em português:

—Amigo C., diga alguma coisa a esta familia inglesa.

E ele respondia, com um ar nostalgico:

—Quem me dera a esta hora na linha de Cascais!

Depois do chá, o serão animou-se. Uma das raparigas sentou-se ao piano e *miss B.* cantou, com uma voz de anjo, o *Sweet-home.* A certa altura, pediram-nos uma canção portuguesa. O tenente C. tocou o fado ao piano e eu cantei uma quadra popular—que tambem me fez saudades. Quizeram saber

Encontrámos no nosso caminho duas raparigas inglesas...

o que dizia a canção. C. traduziu num inglês pitoresco, que a cada verso provocava uma ruidosa gargalhada na assistencia. Era pouco mais ou menos assim:

Your eyes black, black,
They are made of veludo.
To be happy was to take
Your eyes, veludo e tudo.

A reprodução não é exacta, mas o espirito era este.

* * *

Estivemos naquela cidade uma semana e *miss B.* foi sempre a minha companheira amavel de excursões e passeios suburbanos.

Já me tinha autorisado a chamar lhe *sweet-heart* (o seu noivo) e suponho mesmo que lhe dei um beijo.

Uma noite, iamos os quatro no segundo andar dum *tramway*, a caminho duma praia—onde passámos uma hora agradavel. C. vestia a sua farda de oficial de marinha. Eu não tinha farda. *Miss B.* quiz saber porque andava sempre á paisana. Respondi-lhe sinceramente, ainda que com certo receio de matar uma ilusão. Para honra do meu Sindicato, devo dizer que não sucedeu assim.

—*You are news paper-writer?*

—*Yes.*

Adorava a minha profissão.

No dia em que levantámos ferro, entrei a bordo de madrugada, a assobiar o côro dos marinheiros da *Madame Butterfly.*

E do alto da casinha onde morava, *miss B.* viu o navio afastar-se lentamente e acenou-me com um lenço branco.

Good-bye, darling!

* * *

Do autor a *miss B.*:

«*Darling:*

«Enquanto o meu navio vai sulcando o grande mar azul, eu penso no teu cabelo loiro.

«Ao entardecer, subo á ponte e os meus olhos procuram no horisonte distante a ultima visão da tua cidade misteriosa.

«Revejo com saudade a tua salinha discreta, o sofá de seda côr de rosa, o piano e aquele retrato austero de teu pai, que nos olhava com tanta benevolencia—dentro da sua moldura doirada.

«Mando-te um longo beijo, *darling* nas azas do vento—que sopra na direcção da tua casa».

De *miss B.* ao autor:

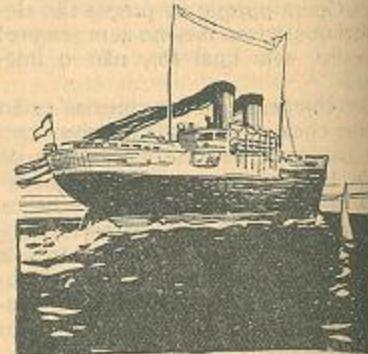
«*Darling:*

«Depois que tu partiste, fez-se noite dentro do meu coração. Todas as manhãs olho o mar da janela do meu quarto, e julgo ver ainda o teu navio a balouçar-se na agua azul da baía.

«Eu era uma rapariga alegre. Tu chegaste, falaste-me de amor e fiquei triste. A vida sem ti é um longo pesadelo. Leva-me para o teu país, *darling*, e ensina-me a falar a lingua em que tu escreves».

* * *

Decorreram meses. Ha dias, passou no Tejo um transatlantico inglês e eu fui a bordo com a missão de entrevistar um diplomata britanico—*lord W.*—que seguia para a America do Sul.

Conversavamos os dois na sala de fumo, deante de dois copos de cerveja gelada, quando se aproximou de nós uma rapariga loira e delicada como uma pintura de Reynolds. Empalideci. Era nem mais nem menos do que

Há dias passou no Tejo um transatlantico inglês...

miss B. transformada pelo sagrado nó em *lady W.*

A leitora supõe que a minha doce *miss*, o meu romantico *sweet-heart* duma noite de primavera oriental, me cumprimentou como a um velho amigo a quem se aperta a mão alegremente, depois duma ausencia prolongada?

Como diria aquele ingenuo personagem do *Homem das 5 horas*, tambem eu disse tristemente para os meus botões:

—Que grande capitulo sobre a hipocrisia da mulher inglesa!

Lady W. olhou-me friamente. Os seus olhos de porcelana não reflectiram a mais pequena emoção. Quando o marido me apresentou, teve um cumprimento protocolar e mais nada.

Apesar dos 35º que estavam nesse dia á sombra, confesso que fiquei gelado como um *esquimaux.*

O navio levantou ferro de noite. Depois de me informar na agencia da hora certa da partida, fui para o alto de Santa Catarina e ali fiquei durante uma hora, desoladamente só, enquanto o grande *Leviathan* iluminado descia o Tejo a caminho da America...

Good-bye, darling!

NORBERTO LOPES

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA . . .

EM CASA DE FERREIRO...

Novela de ironia, mas de profunda verdade. Quantos profissionais da graça, acabam no suicidio e portanto... na desgraça...

O movimento associativo é geral. Todas as classes procuram agremiar-se para a defeza dos seus interesses.

Por isso os humoristas de certo país que visitei, resolveram fundar tambem a sua associação.

Pareceu-me na verdade justa a iniciativa e excelente a ideia, pelos extraordinarios resultados, que a sua realização decerto havia de trazer.

Os mais alegres empreendimentos, as mais engraçadas obras, podiam resultar da conjugação dos seus esforços, da graça colectiva, enfim de todo o bom humor e bôa disposição de tão alegre sociedade.

E certo de que me iria divertir, pelas constantes piádas, pelo espirito reinante nas diversas salas, que desde o «hall» até á escada de serviço, me envolveriam numa onda de riso e de alegria, tratei de conseguir uma apresentação e uma visita á sociedade.

Logo á entrada a pouca luz, a claridade baça do ambiente, me surpreendeu.

Mas a minha admiração recrudesceu quando, de sala em sala, de corredor em corredor, começaram a aparecer-me sentados nos sofás, com o ar mais infeliz do mundo, sujeitos tristes, com um ar aborrecidissimo e bocejando constantemente. Alguns de mãos cruzadas sobre o abdomen, olhar parado, abstracto, em monotona gimnastica giratoria dos polegares.

Entrei por fim na sala de leitura. Mas então o meu pasmo foi completo, absoluto, ao vêr a especie de livros que absorviam as atenções de todos os leitores. Suculentos tratados filosoficos, obras scientificas de tomo, grossos infolios, obras que já pelo seu aspecto exterior, fariam bocejar de sono, o mais atacado de insonias, o mais renitente ás tentações do perfido Morfeu.

Fui então informado de que ia começar uma sessão solene, uma assembleia geral da sociedade. Respirei. Agora sim, iria desforrar-me, porque decerto todos tinham reservado a sua bôa disposição, a sua alegria, para tal momento, convertendo-a em conferencias humoristicas, em ditos, em anedoctas, em piádas.

E sem duvida que todos aqueles cavalheiros, estavam a extrair daqueles calhamaços, as pilhérias com que nos iam divertir, encarando aquelas coisas sérias pelo lado comico, olhando-as sob o aspecto risivel que todas as coisas—ainda as mais tragicas—mais ou menos sempre teem.

Mas nova desilusão desta vez me esperava ainda. Ao entrar na sala das sessões, percorreu-me um calafrio. Alguns cavalheiros graves, todos de luto pesado e de aspecto funebre, aguardavam.

Concluí, naturalmente, que por engano tinha sido apresentado numa agremiação de cangalheiros. Mas não; o meu companheiro tirou-me dessa duvida. Era bem uma associação de humoristas, uma associação de profissionais da graça, que pelo visto ali não tinham graça nenhuma.

Pondo de parte todos os projectos de alegria que eu tinha arquitectado e concebido, ao ver subir ao estrado um orador, que em voz cava e de aspecto grave e compungido, começava uma conferencia, com o ar de estar falando á beira duma campa, deliberei retirar discreta e definitivamente.

Mas não me contive sem increpar com aspereza o socio que me tinha introduzido.

Explicou-me então que todo aquele aparato tragicamente funéreo, estava prescrito nos estatutos e era aliás naturalissimo, bem como todas as medidas adotadas para evitar que a alegria ali entrasse. Assim como se tinha proibido a entrada de livros humoristicos, satiricos, a eclosão de qualquer nota de alegria, uma gargalhada, um simples sorriso, eram tambem do regulamento aquela gravidade e compostura dos varios associados.

—Mas nesse caso, exclamei, onde escondem esses cavalheiros essa alegria? Mais; como se arranjam para se manter assim, sem infringir o regulamento, sem ao menos esboçarem um sorriso?

—Mas é muito simples; é assim que

...começaram á aparecer-me sentados em sofás, sujeitos tristes...

eles são felizes e descançam emfim da boa disposição que teem de apresentar e fabricar constantemente. O meu amigo imagina lá. Não ha nada mais extenuante e mais aborrecido do que ter graça. E ter graça periodicamente, nuns certos dias, a umas certas horas ou dentro duns certos prasos. Como temos de aparecer em publico alegres, bem dispostos, dizendo umas piádas, contando um aspilherias, umas anedoctas, prodigalisando e fazendo correr os nossos ditos de espirito, acreditando assim a nossa graça, que é afinal a nossa mercadoria, porque doutra forma ninguem compreenderia que fôssemos humoristas, ao menos aqui vingamonos em não ter piáda nenhuma, descançamos da bôa disposição forçada que temos de usar na vida e finalmente aborrecemo-nos regaladamente, a nosso bel-prazer, á nossa vontade, como nos dá na gana e entramos sempre aquela porta com um grande suspiro e um prolongado bocejo de satisfação.

—Mas isso é uma sensaboria, protestei; é afinal a autentica sociedade onde a gente se aborrece!...

—E não foi outro o intuito e o fim da nossa agremiação. Todos nós possuimos uma grande dóse de aborrecimento, porque não ha profissão mais neurasthenisante do que a nossa. Isto de fornecer alegria aos outros, deve concordar que é aborrecido. E principalmente extenuante. Muita gente não mede o valor do nosso esforço, nem sabe avaliar o valor do nosso espirito. Pois digo-lhe que escrever é facil, mas escrever com graça é dificilimo. Apesar de haver tanto quem escreva, veja como é reduzida a nossa classe.

—Mas já que teem de fazer espirito para os parceiros que os rodeiam, porque não o fazem tambem para uso proprio, e não se divertem uns aos outros, amenisando assim a profissão?

—Era impossivel entre oficiais do mesmo oficio; por uma questão de vaidade, nenhum iria achar graça aos ditos dum colega; pelo contrario, se um dos socios, conseguisse produzir uma piáda bôa, os outros ficavam danados, mordiam-se de inveja. Como vê não haveria ambiente para a minima parcela de alegria. Faltava a imparcialidade e haveria o 'parti-pris'. Depois compreende, fartos de ter espirito para uso do proximo, chegamos aqui apenas com o desejo de descançar, de sermos sensaborões, de não ter piáda nenhuma. E' perfeitamente o caso dos condutores dos electricos e de automoveis que se divertem e descançam nos dias de folga, em longos passeios pedestres. Fartos de andar toda a semana com comodidade, estafam-se afinal deliciados andando kilometros a pé.

Retirei-me convencido. Atravessei as varias salas, tristemente iluminadas e onde o silencio era apenas entrecortado, de onde em onde, pelo zumbir de serenas moscas e pelo resonar plangente de alguns associados. Na sala de jogo, em mesas pequenas, alguns socios de olhar triste, jogavam o loto a feijões, muito calados, repetindo secamente os numeros, sem comentarios, atirando-os solenemente como dogmas.

Na ultima sala, porém, uma coisa extranha me chocou. A um canto, ba-

... efectivamente um sujeito calvo, de aspecto soturno e grave, fazia paciencias.

tido pela claridade baça duma lampada fosca, um vulto escuro, silencioso e vago, impressionava. Aproximá-mo-nos. E perto dele o meu companheiro esclareceu:

—E' um dos nossos maiores humoristas.—Olhei a mêdo. Efectivamente um sujeito calvo, encolhido, de aspeto soturno e grave, com um ar muito maçado, fazia paciencias.

AUGUSTO CUNHA

VARIA

COLABORAÇÃO DIVERSA DE CURIOSIDADES ENVIADA POR LEITORES NOSSOS

CASOS DE OBESIDADE

Denys, tirano de Heracléa, tornara-se tão indolente e estupido pela obesidade que, ao que dizem Elian e Athenée, só podiam arrancá-lo do seu habitual estado de sonolência picando-o com uma agulha ou cobrindo-lhe o corpo de sanguesugas.

Realisou-se há tempo, na America, um banquete cujos convivas pesavam, em media, entre 300 e 400 quilos!

UM INVENTO QUE NOS SERIA UTIL

Um inventor acaba de construir e aplicar um aparelho destinado a reconhecer, imediatamente e sem dúvida possível, as notas falsas. Este aparelho é principalmente composto duma poderosa lampada de cristal de rocha. E' um alemão o inventor dêste curioso engenho de protecção contra os falsários. Parece-nos que faz falta, por cá, um exemplar de tão útil invento.

COUSAS VÁRIAS

—Segundo afirmam alguns medicos, a musica influi na circulação do sangue.

—Julga-se que o primeiro teatro foi construido em Atenas, no ano 340 antes de Cristo.

—Na Grã-Bretanha existem dez rios conhecidos pelo nome de Avon.

—A primeira peregrinação a Jerusalem efectuou-se em 326 e foi organisada pela imperatriz Elena.

VIOLETA BRANCA:—Gostou? como tem passado, bem? Afastado de tudo, bôa disposição. Tenho sabido noticias M. P./ Agradeço. Muitas saudades, *Mignottis.*

N.º 4 2.ª SERIE	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES **ORDIGUES** (Da T. E.)	15 AGOSTO 1926

Apuramento do n.º 12 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

D. SIMPATICO

N.º 2 4 votos

N.º 7, de AFRICANO.......... 3 votos
» 1, de CAMARÃO.......... 2 »
» 3, de VIRIATO SIMÕES..... 1 »
» 6, de BAGULHO.......... 1 »
» 8, de X.............. 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

MAMEGO, D. GALENO (T. E.), AFRICANO, DROPÉ (T. E.), AULEDO.

Com 8 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

D. SIMPATICO, LORD DÁ NOZES HENRICO (7), MARIANITA, JAMENGAL, (6), AVIARDO, OÇALOC (5).

OUTROS DECIFRADORES

DR. FANTASMA, DR. DA MULA RUÇA (1)

DECIFRAÇÕES

1—*camenas,* 2—dôa, 3—*agorânomo,* 4—fechado, 5 tinote, 6- *safaro morcego,* 8—*o açôr e o falcão na mão.*

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 3 de VIRIATO SIMÕES com 7 decifradores

DEDICATORIAS

DR. FANTASMA e DR. DA MULA RUÇA decifraram o que lhes era dedicado.

LOGOGRIFO

1 A lua já foi, casada
co' o "*sol*," a quem muito amou,—1—2—3—10—8
Ele tanto a atraiçoou,
Que hoje é divorciada.

Com olhar *benigno* o via—9—4—11
Despontar no horizonte,
doirando a agua da fonte,
dando aos mundos novo dia.

Num dia o surpreendeu
com a Venus namorando,—9—8—7
noutro a Polar beijocando;
então tudo compreendeu.

A *base* estava patente,—9—2
e a «*medida*» transbordava—3—10—6—7—5
do fel que acumulava,
como lava incandescente.

Ele, de ironia usando,
como forma o arrebol,
lhe ofertou um *girasol,*
seu giro continuando.

Lisboa AVIEIRA

CHARADAS EM VERSO

[A' Marianita]

2 Um velho, vai seguindo pela estrada,
vem duma muito grande caminhada,
cheio de acerbo mal!

Neste mundo, não tem nenhum amigo
e nem, depois da morte, algum abrigo
p'ra *pedra sepulcral.*—2

Vem em farrapos, quasi vem *despido!*—1
Que terá aquele homem já sofrido?
O misero infeliz!...
Quem não tem *pena* dum tal desgraçado;—1
que vem lá de tão longe, tão cançado,
o misero infeliz!...

E, vai seguindo sempre, sempre em frente,
junto á beira da estrada, tristemente,
já perto do destino!
Já se vê da cidade a casaria
e, mais perto, um chalet de alvenaria
com a forma de sino...

Castelo Branco MANÉ BEIRÃO

[Desafiando o «Lord Dá Nozes»]

3 *Ataca* homem valente—4
não tenhas medo a nada.
Oferece uma tareia—1
e um *encontro* de espada!

Dafundo D. SIMPATICO (T. E.)

[Ao meu amigo «Ordigues» agradecendo]

4 Vou responder (atrazado
bem o sei, mas tu perdôa)
á charada do A. B. C.
que por sinal era bôa.

* * *

Com o «treze» tenho azar,
é verdade, não contesto.
Dava *dinheiro,* e até—2
o corpinho ao manifesto

para não 'star outra vez
com mais doze a uma mesa.
Realmente é uma *pena,*—1
mas que quer's... é madureza?

Será; mas vê: no «Charquinhos»
fui eu só o desgraçado,
que ao saltar, de brincadeira,
ficou no chão «*estampado*»...

Lisboa JAMENGAL EX-KURITSA

5 Quem *mutila* um passarinho—2
sem *compaixão,* é malvado,—1
porque o pobre animalsinho
apesar de ser *mesquinho,*
não deve ser maltratado.

Lisboa AFRICANO

6 A linda «*planta*» da China—1
que existe no meu quintal,
a ti jamais a darei—1
porque és um homem boçal!

Essa planta tão mimosa
que amo do coração,
vou pô-la na «*ilha da França*»,—1
homem casquilho e *bufão.*

Lisboa VIRIATO SIMÕES

CHARADAS EM FRASE

(Ao ilustre «Bagulho»)

7 *A gente* já sabe qual o motivo *porque* V. Ex.ª nos está sempre a *importunar!*—1—1

Lisboa VISCONDE DA RELVA

(A' ilustre colega «Marianita», agradecendo a sua «Garabulha»)

8 A' *mulher intriguista* não perdôo; ao homem só condeno se não *presta* atenção á mulher, e faz uso de *linguagem licenciosa.*—3—1

Lisboa MAMEGO

(A' ilustre confreira «Dama Negra»)

9 *Em* minha casa houve *grande* discussão por causa do *centeio bravo.*—1—1

Lisboa CAMARÃO (G. E. L.)

10 Apesar do seu temperamento *fragil,* aquela «*mulher*», tem uma *sabedoria suprema!*—2—3

Lisboa D. GALENO (T. E).

11 Diz-me *a consciencia* que a «*mulher*» é uma *sympha.*—1—2

Porto REI DO ORCO

12 E' *uso* antigo nas escolas, *apenas* um exemplo é esboçado no quadro, o professor apaga-lo e dizer aos alunos: «*é evidente!*—1—1

Lisboa AULEDO

13 O epiteto de ladrão, *é, decerto,* para um homem honrado, o *cúmulo* da *injuria.*—1—2

Lisboa BAGULHO

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações, é, *rigorosamente,* de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhe agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

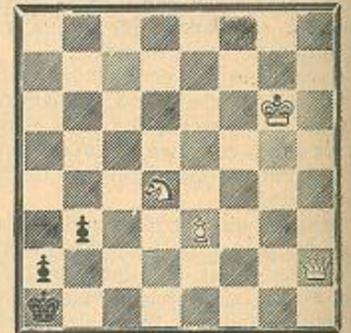
Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas, *sem discussão,* todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 82

Por W. w. Holzhausen

Pretas (3)

(Brancas (4)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 80

1 D. 3 B; 2 D. 3 D, 3 D. 4 D; 4 D. 4 R etc., a D sobe em escada regular a 8 T R descendo ao 12.º lance a 1 T R onde dá mate. As jogadas das pretas são forçadas (zugzwang).

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Club Portuense (Porto), Vicente Mendonça, e Maximo Jordão.

GREMIO LISBONENSE:—Resultado dos torneios B e C: Torneio B: 1.º Manuel d'Araujo; 2.º Dr. J. M. Bragança; 3.º L. V. Mourão (dez concorrente).

Torneio C,: (quatorze concorrentes). 1.º R. de Vasconcelos, 2.º e 3.º exaequo J. D. Ferreira e V. R. Nunes.

O DOMINGO ilustrado

Varia

PALAVRAS CRUZADAS — o passatempo da moda

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante. — Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Auledo, Espirita, Zé Ninguem, Rupeca, Spartanus.

DECIFRAÇÕES DO N.º 81

HOSISONTAIS.—1 paulada, 7 Mariana, 13 eivar, 14 sim, 15 arpão, 16 Duarte, 18 al, 19 ais, 20 R. D., 21 ele, 23 sôa, 24 g. r. s., 25 amar, 28 armas, 30 vaed, 31 rio, 33 aol, 34 vir, 35 ar, 37 ana, 39 ria, 40 as, 41 dia, 42 reu, 43 da, 44 val, 46 avo, 48 ar, 50 ais, 51 lôa, 53 aca, 55 mima, 57 jurar, 59 atum, 61 ala, 62 iúa, 63 mor, 65 si, 66 ror, 67 ma, 68 largar, 71 atada, 73 ria, 75 parda, 76 seringa, 77 traidor.

VERTICAIS. — 1 pedrada, 2 aiudm, 3 uva, 4 lar, 5 arte, 6 as, 7 m. m., 8 r. la, 9 ir, 10 apagar, 11 naire, 12 aosadas, 17 ela, 18 aos, 22 era, 23 sal, 26 ar, 27 ria, 29 mói, 30 via, 32 ondas, 34 viuva, 36 rua, 37 ail, 39 rea, 40 ala, 43 damaras, 44 via, 45 rôr, 47 oca, 49 remirar, 50 amarar, 51 lua, 52 aam, 54 at, 56 ilote, 57 jua, 58 rol, 60 usado, 62 iman, 64 rapa, 69 raia, 70 grd, 72 di, 73 ra, 74 at.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso ilustre colaborador «Adalberto Bêco».

HORISONTAIS.—1 boieiro, 2 hárem, 3 transpiro, 4 som, 5 duas letras de tufo, 6 amarra, 7 pron. pess., 8 orgao, 9 insecto, 10 olhar, 11 preposição, 12 parente, 13 animal, 14 rio de Portugal, 15 consentimento, 16 fende, 17 casca, 18 medida, 19 espirito, 20 duas letras de vento, 21 animal, 22 conjunção, 23 cheguei, 24 ilustre, 25 bilis, 26 duas vogais, 27 corrida, 28 prevérsa, 29 onomatopeia com que se imita o ruido produzido por uma aldrava, 30 cidade da India, 31 sela pequena, 32 conspiração.

VERTICAIS. — 6 três letras de tempestade, 7 possuir, 14 reboque, 15 isolados, 21 três letras de Lisbôa, 22 preposição, 29 fézes, 30 duas letras de gordo, 33 artigo (pl.), 34 despida, 35 contração do artigo e da preposição, 36 pôpa (do navio), 37 sufixo designativo de qualidade, 38 pedra, 39 rompam, 40 coleção de cartas geográficas, 41 sarau, 42 terminus, 43 ópera 44 animal, 45 sêres, 46 prende, 47 suavidade, 48 nutrir, 49 maneira, 50 proteges, 51 parente, 52 colera, 53 ponto cardeal, 54 grande arvore indiana, 55 nota musical, 56 artigo.

CORREIO

AMPARITO.— As decifrações de V. Ex.ª teem chegado muito atrasadas.

POR ESSE MUNDO...

A mulher mais bela e o homem mais perfeito da America estão solteiros!

A mulher mais bela de toda a America, aquela que, pelo menos, reuniu maior numero de votos para tal é Miss May Mac Avoy, formosissima «star» da arte do silencio, e que é solteira!

O homem que, no mesmo formidavel concurso, obteve o premio de elegancia, distinção e correcção, foi o conhecido «as» norte-americano Rod La Rocque, galã cujo valor «fascina» segundo a expressão das suas apaixonadas eleitoras. Pois Mister Rod La Rocque tambem é solteiro!

Porquê? Eis o que êles responderam, no grande inquerito a que foram submetidos:

Diz May Mac Avoy que tem a linda cabeça que a nossa gravura representa:

—Não caso porque não tenho tempo! Acho que uma artista com a minha vida não se pode dedicar a um esposo e a um lar como deve ser.

«Seria preciso que o homem que eu escolhesse fôsse muito pouco exigente... e então, é porque não gostava de mim, e eu não o escolheria».

E que diz La Rocque?

—Ainda não encontrei! Sou muito exigente. Quero uma mulher como minha mãe: dum carinho de abnegação e dum caracter brandissimo. E' muito dificil—é talvez impossivel. Estou á espera...

Mas, outras respostas surgiram, tambem interessantes, sobretudo para o publico que frequenta cinemas, e que sabe que as «noivas» e os «galãs», são ali, na maior parte dos casos, impenitentes solteirões.

Ouçamos a conhecida Norma Shearer:

—Não casei porque ainda não encontrei o tal, aquele, êle...

«Tenho conhecido muitos, mas nenhum é o que quero. O casamento é o grande sacrificio, o maior. Falta-me o tirano que m'o ordene».

Ricordo Di, o grande actor, finalmente, apresenta assim o seu caso:

—Vou casar brevemente. Dicidi ha dias. Com quem? Não sei. Mas vou casar. Preciso. Está-me a fazer falta. Só ha

May Mac Avoy e Rod La Rocque, considerados os mais belos tipos de beleza de mulher e de homem em toda a America do Norte.

dias vi que podia englobar no meu orçamento as despesas dum «ménage» rico, como desejo ter. Agora ela que apareça.

E' uma questão de dias!

De tudo um pouco...

O NIKEL E O COBALTO CONTRA A DIABETES

Gabriel Bertrand, do Instituto Pasteur de Paris, de colaboração com Macheboeuf, levou a cabo, obtendo grande sucesso, um tratamento da diabetes por injecções subentâneas ou pela absorpção pela boca de pequenissimas doses de nikel e cobalto. Tem-se conseguido obter assim, pelo menos temporariamente, o desaparecimento completo do assucar urinário.

UMA ESTATÍSTICA MACABRA

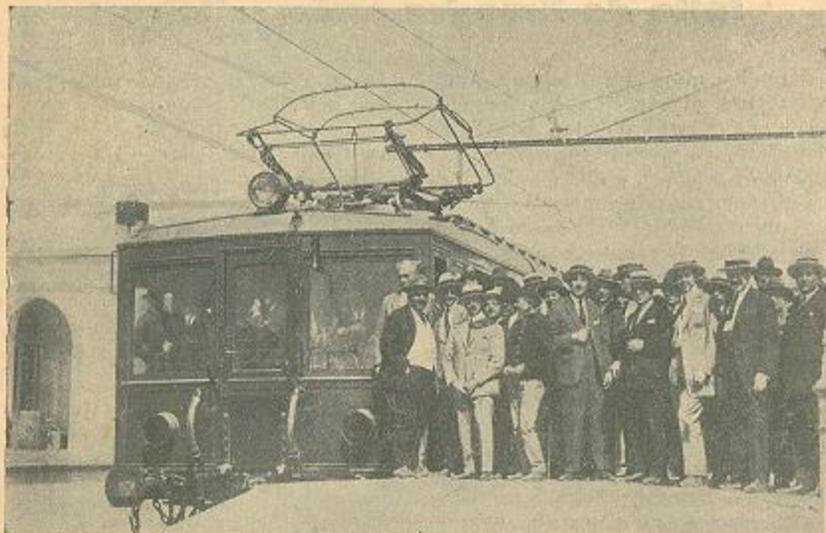
O jornal «La Tribuna» de Roma publica os resultados dum inquérito internacional efectuado em presença dos registos de estado civil na Europa e na América, e destinado a estabelecer o horario das mortes nesses países. Por tal inquerito, apurou-se que o maior numero de mortes tem lugar entre a uma e as seis horas da manhã. Tambem se apurou que, apezar da sua reputação agoirenta, (a meia-noite não é a hora que vê mais vezes chegar o vulto sinistro da morte. Morrer ao meio-dia é rarissimo. A uma hora da noite é a hora mais tragica. Depois desta, as horas mais perigosas são as quatro da manhã e as sete da tarde.

COSINHA NUM ARRANHA-CEUS

Nos Estados Unidos passou uma terrivel vaga de calor. «O New-York Herald» traz um telegrama de Worcester (Massachussets) dizendo que o meteriologista da Universidade de Clark fez cozer um ovo sôbre uma telha do tecto da Universidade.

Actualidades gráficas

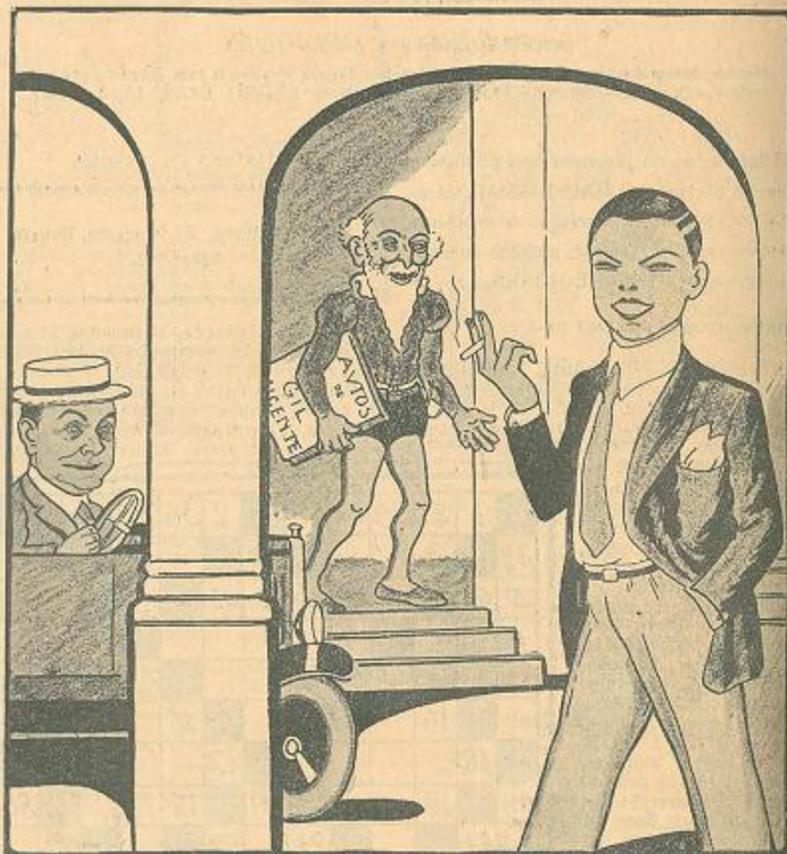
UMA GRANDE INICIATIVA

A INAUGURAÇÃO DE LINHA ELECTRICA LISBOA-CASCAIS

Devido aos esforços da Sociedade Estorll onde se destaca o grande espirito empreendedor de Fausto de Figueiredo, inaugura-se hoje a electrificação da linha do Estoril. A carruagem do primeiro comboio de experiencias.

O 1.º PORTUGAL-ESPANHA EM "WATER-POLO"

A equipe espanhola do 1.º Portugal-Espanha em water-polo, *que nos bateu pela supremacia duma bola, e que revelou fortes condições de jogo, momentos depois de sair da cabine.*

A ACTUALIDADE TEATRAL

(Uma caricatura de Amarelhe a proposito do exito Stichini-Azevedo)

O BOM FILHO Á CASA TORNA

MESRTE GIL.—Vem cá querida filha, e não voltes a raspar-te, pois só tu é que dás alegria e sorte a esta casa.

AZEVEDO.—Não ponham duvidas, que entramos com o pé direito...

AS EXPERIENCIAS DOS TORPEDOS

Personalidades oficiais, entre elas os ministros da Guerra, Marinha, Agricultura e Justiça, assistindo ás provas a bordo dum vaso de guerra.

O 1.º PORTUGAL-ESPANHA EM NATAÇÃO

1.º—Prova de 200m (bruços).—Ao centro o vencedor espanhol Francesche; á direita os distintos nadadores Brito e Roquete, e á esquerda J. Marques. 2.º—Prova de 6.500m.—Ao centro o vencedor, o espanhol Ramon Artigas, Tobias Lemos em 2.º lugar e em 3.º Delfim Cunha.

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO *ilustrado*

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O Dia do Bombeiro

Comemora-se hoje o dia do Bombeiro. O *Domingo Ilustrado* dando hoje nesta pagina a figura prestigiosa do ajudante João Baptista Ribeiro — um dos mais queridos benemeritos do povo de Lisboa, presta a sua homenagem á corporação humanitaria.

No proximo numero, trataremos um caso unico onde os nossos bombeiros salvaram uma creança caída a um cano, nas mais tragicas circunstancias.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Thomaz Colaço, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Lino Ferreira, Henrique Roldão, Norberto Lopes e Leitão de Barros, etc.